A grandeza do céu e da terra

por Olavo de Carvalho

Nas aulas sobre a *Fedra* de Racine, expliquei-lhes que na simbólica tradicional o Rei significa sempre o espírito iluminante; que o exílio ou viagem de um Rei assinala o temporário obscurecimento do espírito (hexagrama 36 no ciclo do *I Ching*), isto é, o tempo em que o espírito, retirando-se para dentro do corpo a fim de prover à saúde ou à substância material, abandona por um momento a alma à sua própria sorte. Privada temporariamente da luz do espírito, a alma é então assaltada por dúvidas e tentações, em luta contra as quais entra numa grande agitação, que a torna ainda mais vulnerável e termina por levá-la a atitudes trágicas. Uma situação é trágica quando é logicamente sem saída, representando um bloqueio à liberdade humana, que não pode então ser recuperada senão à custa de perdas e sacrifícios dolorosos.

O retorno do rei exilado representa a retomada de consciência após a fase de obscuridade. Essa retomada é um momento de vergonha e de ajuste de contas. A verdade e a clareza serão restauradas, mas à custa de duros castigos purificadores. O rei, ao voltar, encontra sua casa tomada pelos inimigos ou sacudida pela intriga. A restauração da ordem custará a morte de amigos e parentes queridos, que durante o intervalo de sombras se tornaram inimigos. Esse *topos* aparece em *Fedra*, como também na *Odisséia*: Ulisses volta para expulsar de sua casa os pretendentes que, julgando-o morto, cobiçam sua esposa e já começam a desfrutar de seus bens. Mas não é um *topos* exclusivo da tragédia ou da narrativa épica. Surge também na “comédia amarga” de William Shakespeare, *Medida por Medida*: nela, o Duque de Mântua não é exilado, mas viaja de propósito, e volta disfarçado para observar como, em sua ausência, germina a erva má das intrigas palacianas. Enfim revela sua identidade, desmascara os intrigantes e restaura a justiça. É uma comédia e não uma tragédia porque o exílio intencional tem caráter preventivo, o que permite que a restauração da justiça se faça por meios brandos: os culpados arrependem-se antes de que suas ações cheguem a um desenlace fatal; a mão do destino detém-se em pleno ar e a liberdade humana é preservada.

Não é preciso dizer que esses *topoi* não existem só como instrumentos para a arte literária. São esquemas narrativos repetíveis, mas, por isto mesmo, são possibilidades permanentes da vida humana. São uma súmula do que acontece a todos nós; são modelos das situações vividas; são instrumentos de interpretação da vida real. Tomados no seu imenso conjunto, constituem uma enciclopédia da arte de viver. São o único ensinamento realmente válido que a humanidade recebeu a respeito deste tema, que é por sua vez o único que interessa igualmente a todos os homens. Alguns poderão lamentar, diante disto, que um patrimônio tão valioso, espalhado em obras clássicas de difícil acesso para o homem comum, esteja à disposição de tão poucas pessoas. Mas é uma lamentação desnecessária: todos os homens comuns podem ler a Bíblia, ou ouvir sua recitação; e, como demonstrou Northrop Frye, todos os *topoi* mais importantes da literatura Ocidental já estão na Bíblia, e, portanto, ao alcance de todos. O exílio e o retorno do Rei já estão prefigurados no Gênese, quando Deus, após haver criado o homem e a mulher, se retira temporariamente da cena,

deixando-os livres para escolher entre as delícias do Paraíso e a tentação da serpente. Tragédias e comédias sobre o tema, que povoam nossa literatura, não são senão o comentário e permanente atualização desse capítulo do Gênesis. Não se trata, como se vê, de pura literatura, mas de algo sumamente grave: trata-se de uma das chaves da vida humana sobre a Terra.

Tudo consiste, nesse ponto, em saber o que o homem fará nos momentos em que, ausente a luz do espírito, não sabe o que fazer. Meu falecido mestre e amigo, Juan Alfredo César Müller, a quem muito me orgulho de haver ouvido e obedecido sempre enquanto viveu, tinha um preceito para essas ocasiões: Quando você não sabe o que fazer, faça o que é o seu dever. O livro do *I Ching* celebra como igualmente grandes o Céu e a Terra, quer dizer: a criatividade do espírito luminoso que livremente ordena e legisla, e a obediência fiel que, mesmo na obscuridade, prolonga – por assim dizer, no passivo – a obra do espírito. Nas trevas, a alma do homem é tentada pela suspeita, pela inquietação, pela trepidação da conjectura incessante. O conhecimento que antes parecia claro e evidente surge-lhe agora nebuloso, indistinto. A verdade parece mentira, a mentira verdade. O esoterismo islâmico associa essa agitação ao planeta Marte, e chama à suspeita o que pode haver de pior na alma humana. Segundo esclarece Titus Burckhardt, um dos melhores conhecedores do tema, a raiz obscura do mental é *al uáhm*, termo que significa ao mesmo tempo a conjectura, a opinião, a sugestão, a suspeita, portanto a ilusão mental. É o inverso da liberdade especulativa do mental: a potência de ilusão desta última é como que fascinada por um abismo, é atraída por todas as possibilidades negativas inesgotadas. Quando esta potência domina a imaginação, esta se torna o maior obstáculo à espiritualidade.

Tudo consiste, dizia eu, em saber o que o homem fará nesses momentos em que se abre diante dele o abismo de infinitas dúvidas sem resposta. Alguns, arrastados pelo movimento mesmo da dúvida, tomam justamente aí suas mais graves decisões, renegando o espírito; e quando mais incertos e nervosos se encontram, na incapacidade de chegar a qualquer conclusão positiva, tanto mais enfaticamente defendem uma opinião que não é senão o resíduo de sua agitação interior, e que acabará por se revelar passageira como ela.

Já o homem humilde, que aprendeu a lição da Terra, aguarda pacientemente o retorno da luz, enquanto continua a obedecer a antiga lição do espírito, concordando em temporariamente servir sem compreender. Ele sabe que só Deus enxerga tudo o tempo todo, e que, nos momentos de escuridão, só uma coisa conta para o homem: a fidelidade. Por isto, como Penélope, continua invariavelmente a fiar, sem se importar com o clamor dos pretendentes, enquanto aguarda a volta de Ulisses, É a alma fiel.

O homem que sabe, que enxerga claramente e conhece os fundamentos últimos da sua certeza, é ele mesmo, nesse instante de plenitude, uma encarnação do Espírito; por isto ele é livre e não obedece a ninguém, exceto à própria coerência intrínseca do evidente. Mas o sábio está ciente de que, como animal vivente, não pode sustentar o tempo todo essa criatividade luminosa. Tem de descansar, tem de prover à sua subsistência material, tem de velar pela saúde, pela mulher, pelos filhos; tem de obedecer à lei da Terra a que pertence seu corpo. Tem de ceder, tem de atravessar a obscuridade cíclica, onde sua salvação dependerá

unicamente da lei da obediência. À certeza da certeza, conhecimento do Espírito por si mesmo, *noesisnoeseos*, momento imperial da divindade do homem, segue-se a certeza da ignorância, formulada por Sócrates: Só sei que nada sei. Essa alternância do grande e do pequeno é a lei suprema da temporalidade humana. Sei que sei, sei que não sei. Quando sei, faço segundo o que sei. Quando não sei, prossigo nas trevas a obediência ao dever que me foi prescrito.

O insensato, ao contrário, não sabe que não sabe e, tomando a agitação da dúvida por sinal de energia, age, rebela-se, pretende dominar com base numa força que, se é grande pelo volume, é, quanto ao sentido, nada mais que uma força de queda.

Tudo consiste, para o homem, em saber o que vai fazer quando não souber o que fazer. Pois haverá sempre o retorno da luz, e tanto poderá ser uma comédia quanto uma tragédia.

*

* *

A um professor das ciências da alma, cabe, na medida do possível, orquestrar retiradas preventivas como a do Duque de Mântua, velando para que, em sua ausência, os movimentos soturnos da suspeita não cheguem a desencadear consequências definitivas e insanáveis; velando para que tudo termine em comédia. Pois o ensino é uma encenação da vida; e, se o obscurecimento da luz, com todas as suas consequências, for encenado e aprendido em tempo, muitas tragédias se evitarão na futura vida real dos alunos.

O cúmulo da ironia é quando uma mera situação de ensino é tomada como real e, num lapso proposital ou causal do professor, a alma de um aluno se deixa realmente envenenar e jogar ao abismo da suspeita e do erro.

Pois um professor é, com toda evidência, um dos símbolos tradicionais do Espírito; e é também um homem, um animal vivente, que deve retirar-se, cuidar de suas necessidades vitais, suspender ciclicamente sua irradiação iluminante e deixar os alunos à mercê de seus próprios impulsos.

Meditei essas coisas, e peço aos alunos que as meditem, perguntando a si mesmos se, quando o professor interrompe ou apenas atenua seu esforço de esclarecimento, quando sua presença se torna mais distante e rarefeita, tudo não parece confuso, inquietante, nebuloso; e se nesses instantes não nascem, aparentemente por casualidade, dissensões, rancores, tensões, desânimo e tédio.

Quando isso estiver acontecendo, não aumentem, com debates irrequietos e enervantes, a obscuridade do momento: continuem apenas fazendo o que é do seu dever.

Quem se envergonha da obediência, quem escarnece dela tomando-a como servilismo ou coisa pior, ignora uma das duas grandes dimensões da vida, e pretende legislar e julgar justamente na hora em que sua confusão o torna até mesmo inapto para a simples obediência: nomeia-se rei quando não arca sequer

com as tarefas de servo. O *I Ching* recomenda, ao contrário, perseverança dócil, e adverte que, nesses momentos, se o homem superior empreende algo e tenta liderar, ele se perde . E sentencia: A fidelidade é sublime e perfeita.

Olavo de Carvalho